

A transcendência como fundamento para a escolha moral em Jean-Paul Sartre

Cristiana Lopes de Oliveira*

Vitória (ES), vol. 3, n. 1
Junho 2014

SOFIA
Versão eletrônica

* Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia

Resumo: Para Sartre, enquanto relação, o homem é marcado necessariamente por sua exterioridade. Se a referência é nossa discussão sobre a transcendentalidade da consciência vale pontuar, então, que é a partir desse movimento para fora de si que a escolha humana se dá. Assim, a influência e discussão sobre o conceito de intencionalidade parece ter sido decisivo para estruturar a noção de consciência sartriana enquanto puro vazio. O objetivo do texto proposto é, pois, a partir da noção de intencionalidade discutida em um primeiro momento por Husserl, tornar claro que existe uma diferença substancial entre as identidades de essência e as identidades de existência em Sartre e que essa diferença é a base de nossas escolhas axiológicas. A liberdade humana é marcada por sua característica consciente e intencional, também por sua relação com o mundo. O ser do que é conhecido não se reduz ao seu conhecimento ou à sua percepção. A qualidade da coisa não diz o que essa coisa é. O conhecimento é resultado de uma transcendência do sujeito em direção ao objeto, o fruto dessa relação, na consciência, não se dá como representação, ou resultado direto entre estímulo e sensação, mas é marcada, sobretudo, pela consciência posicional. Esse movimento da consciência para fora de si, em direção a um mundo cheio de possibilidades marca, portanto, nossas escolhas morais.

Palavras-chave: Transcendência; Consciência; Moral.

Abstract: For Sartre, while relationship, the man is necessarily marked by its exteriority. If the reference is our discussion of transcendental of conscience, is valid score, then it is from this movement outside itself that human choice is made. Thus, the influence and discussion of the concept of intentionality seems to have been decisive in structuring Sartrean notion of consciousness as pure empty. The objective of the proposed text is therefore based on the notion of intentionality discussed at first by Husserl, make clear that there is a substantial difference between the identities of the essence and the identities of existence in Sartre and that this difference is the basis of our axiological choices. The human freedom is marked by their conscious and intentional feature, also for its relationship with the world. This is what is known can not be reduced to their knowledge or their perception. The quality of the thing does not say what that thing is. Knowledge is the result of a transcendence of the subject toward the object, the result of this relationship, in the conscience, do not give it as a representation, or a direct result between stimulus and sensation, but is marked mainly by positional awareness. This movement of consciousness for out of itself, towards a world full of possibilities brand therefore our moral choices.

Keywords: Trancendence; Conscience; Moral.

I

A consciência e o mundo são dados de uma só vez:
por essência exterior à consciência, o mundo é, por
essência, relativo a ela.
Jean-Paul Sartre, 1947.

O encontro com a fenomenologia de Husserl parece ter sido a solução para um impasse enfrentado pela filosofia ou mesmo pela psicologia, a saber, o encontro dialético, ou a impossibilidade desse encontro, entre as estruturas naturais, essencialistas ou abstratas, e a concretude humana. Para Sartre, Husserl, mesmo que não esteja de acordo com todas as suas ideias,¹ parece promover uma

¹ “Para dizer a verdade, Husserl não aborda a questão a não ser de passagem e, além disso, como veremos, não estamos de acordo com ele a respeito de todos os pontos, por outro lado, suas observações reclamam um aprofundamento e uma contemplação. Mas as indicações que ele dá são da maior importância.” SARTRE, Jean-Paul. A imaginação, in Coleção Os Pensadores. Trad. de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editor- Victor Civita, 1978, p.99.

revolução quando trabalha com a ideia de consciência direcionada para algo que não é ela mesma². Sua crítica voltada para uma filosofia idealista ou mesmo para uma psicologia idealista não poderia deixá-lo longe da proposta fenomenológica. O homem é necessariamente relação, logo, exterioridade. Assim, essa noção de transcendência contrapõe toda proposta internalista que o antecederia. A intencionalidade estrutura a consciência que se volta necessariamente para um objeto transcendente, não existindo, portanto, nenhum conteúdo de consciência, objetos para a consciência ou dos quais se utiliza a consciência.

No primeiro momento da filosofia de Husserl, as coisas existentes no mundo estão fora de nossa subjetividade, ‘o vermelho que percebemos não é parte de nossa consciência, mas sim qualidade de um objeto transcendente’. Isso parece nos trazer de volta para a separação sartriana entre as identidades de essência e de existência. A inércia própria da imagem, anteriormente defendida pela teoria clássica, passa a existir agora enquanto atividade consciente e intencional, o que parece essencial para a estruturação de nossa liberdade, também de tudo aquilo que fundamenta o existencialismo sartriano.

O que na teoria clássica estaria perdido no interior da consciência, mesmo pertencendo ao mundo material, parece ganhar em Husserl uma nova indicação ou um melhor caminho para responder sobre essa relação. Não obstante, supor que consciência e mundo diferem entre si não nos levaria à compreensão de suas naturezas ou daquilo que aparece como sentido para o homem. Nessa direção é que Sartre vai dizer que o problema essencial da filosofia permanece sem solução, entretanto, parecia encontrar na fenomenologia uma nova luz. Husserl teria sido seu principal mestre quando discute a ideia de intencionalidade e abre caminho para novas definições dentro da filosofia. Assim, a direção proposta é mesmo a da fenomenologia, mas apenas como norte para algumas definições sartrianas sobre sua teoria existencialista que, em vários sentidos, se mostra inovadora, também como suporte para a compreensão de nossas relações de transcendência.

II

Se o problema da relação entre pensamento e objeto, ou da consciência e a percepção, ou mesmo do homem e mundo, parecem marcar as discussões das filosofias ditas concretas, surgidas de impressões empíricas e se, de certa forma, enquanto modo particular de apreensão isso parece contrapor em algum sentido uma espécie de ontologia, em que medida as discussões sartrianas sobre o fenômeno ou sobre as noções de exterioridade nos remeteria necessariamente a uma fundamentação sobre a intencionalidade da consciência? Por que a proposta de uma ontologia fenomenológica não poderia deixar de privilegiar a aparição como medida de si mesma? De que forma a relação entre percepção e percebido não poderia deixar de lado uma totalidade referenciada exclusivamente por um sujeito ou por uma consciência que imagina ou percebe, mesmo e, sobretudo, quando a aparição parece ser auto-indicativa?

Em Sartre, a aparição, a percepção e a dependência de uma com relação à outra parece mesmo marcar e fundamentar nossa relação com o mundo. Nesse sentido, o objetivo sartriano se dá quando ele se põe a determinar o ser dessa aparição e referenciá-lo com nossa consciência intencional a fim de, a partir dessa relação, referir-se à nossa liberdade e/ou escolhas axiológicas.

Parece mesmo paradoxal quando Sartre logo na Introdução de *O Ser e o Nada* diz que a aparição é indicativa de si mesma, não se opondo a nenhum ser, mas carregando consigo um Ser. A pergunta é: qual seria esse ser se enquanto revelação de si esse ser não se esgota nessa aparição? Como proceder uma certa descrição desse aparecer se nesse movimento ele mesmo escapa?

O caminho para responder a essas questões parece ser a distinção operada por Sartre entre fenômeno de ser e ser do fenômeno. Para ele, o fenômeno de cadeira, por exemplo, quando por várias vezes

² “Essa necessidade da consciência de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma, Husserl a chama de intencionalidade.” SARTRE, Jean-Paul. Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In Situações I. Trad. Cristina Prado. Prefácio de Bento Prado Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.57.

aparece bastaria para a apreensão da “essência” de cadeira, mesmo que essa essência não possa ser encontrada internamente nesse objeto, mas sim na “série de aparições que o revelam”.³ Esse fenômeno de ser, portanto, não esgotaria o ser desse fenômeno. Seria esse o sentido atribuído por ele a uma redução de todos os dualismos tradicionais a um único puramente husserliano? A do finito e do infinito? Se a aparição indica de certa forma o que outrora seria chamado de essência, o que poderia nos garantir sua percepção sem que isso seja uma fonte segura de erro?

Parece que recorrer ao problema da Teoria clássica do Conhecimento se faz necessário quando se discute o tema da percepção e da relação entre homem e exterioridade em Sartre, senão como fundamentação de sua filosofia, ao menos como uma forma de levantar as principais discussões da tradição filosófica, e com isso proceder um certo avanço em relação ao realismo e mesmo ao idealismo. “Conhecer é ‘explodir em direção a’, desvencilhar-se da úmida intimidade gástrica para fugir, ao longe, para além de si, em direção ao que não é si mesmo, para perto da árvore e, no entanto, fora dela, pois ela me escapa e me rechaça e não posso me perder nela assim como ela não pode se diluir em mim: fora dela, fora de mim”. É impossível, portanto, referir-se a essa relação do para-si com o em-si, ou de nossa consciência com o mundo, sem que nossa maneira de conhecer seja tema norteador, isso porque o que aparece, aparece sempre a alguém e sempre de alguma forma, sempre, portanto, como movimento direcionado.

Se o fato de ser descritível e compreensível valida o Ser enquanto existente percebido, ou seja, o fenômeno, é o Ser que torna possível essa manifestação. Entretanto, fenômeno de ser, ou seja, aquilo que é manifesto, ou o fenômeno X aparente, é diferente do ser do fenômeno, ou seja, daquilo que torna possível esse aparecer e que é independente de qualquer forma particular.

O que Sartre parece querer chamar a atenção é com relação à determinação da identidade de Ser que não poderia ser descritível ou mesmo reduzida a uma única manifestação. Em outras palavras, o ser que aparece não poderia determinar por essa aparição o que o Ser enquanto “condição de todo desvelar” é em si, sendo, portanto, uma atitude errônea a de reduzir um ao outro.

Identidades distintas, entretanto, conjugadas numa relação necessariamente estabelecida. Como dito, o caminho para responder a essa ontologia fenomenológica parece começar, então, por uma descrição do que se nos aparece, já que aquilo que escapa à condição fenomênica parece ser mesmo inefável. Dito de outro modo, a garantia do caráter transfenomenal que Sartre atribui ao Ser parece ficar claro quando as qualidades fenomênicas mostram-se insuficientes para dizer o que o ser é. Assim, o que torna o ser aparente não pode estar em um objeto particular, mas é condição de desvelamento de todo e qualquer objeto, garantindo, portanto, como dito, que o Ser não se esgote em um único aparecer.

III

Ir em busca do que não é o aparente ou mesmo afirmar a existência desse algo não seria estar diante de uma essência que se esconderia por trás dos objetos visíveis? Não seria essa uma contradição se pensada como base para a filosofia sartriana? Por que o ser, nesse caso, não representa o que é simplesmente percebido?

Sartre recorre ao “esse est percipi” de Berkeley e diz que essa não parece ser uma solução satisfatória. Para ele, mesmo o que aparece exige uma fundamentação que o ligue a todos os outros objetos aparentes, onde a consciência parece ser necessária e garantia dessa exigência, ou mesmo, àquela que opera essa transfenomenalidade exigida tanto para ela quanto para o Ser.

A redução do que se nos aparece ao conhecimento que se tem desse aparecer seria uma indicação de que a consciência poderia ser habitada por conteúdos, ou seja, por objetos conhecidos. O ser do que é conhecido não se reduz ao seu conhecimento⁴ ou à sua percepção, mesmo que a consciência seja

³ SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdiggão. 12ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p.19.

⁴ “(...) a consciência que tomamos das coisas não se limita em absoluto ao conhecimento delas.” SARTRE, Jean-Paul. Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In Situações I. Trad. Cristina Prado. Prefácio de Bento Prado Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.57.

necessária a esse acontecimento em si. Para Sartre, o ser percebido remete ao ser que percebe, logo, ao sujeito que torna possível e dá sentido a essa relação: falar em percepção é, da mesma forma, referenciar-se a esse ser, logo, à consciência. E nesse caso, perceber não se reduziria a uma conjugação de sensações que teriam como lugar de morada uma consciência.

Se para Berkeley as qualidades constituem o objeto designado por um nome X^5 , ou representam o objeto originariamente apreendido pelas operações do espírito, para Sartre, as qualidades ou o que para Berkeley seria um “conjunto de ideias” de uma determinada coisa, não pode dizer o que essa coisa é.

É bem verdade que o vermelho, por exemplo, só pode ser visto como vermelho em algum objeto perceptível, logo, com qualidades que aí se mostram, entretanto, o vermelho enquanto vermelho, assim como o azul, o amarelo ou qualquer outra cor, apareceriam claro ou escuro dependendo, por exemplo, de seus referenciais luminosos ou mesmo de onde apareceriam como tal, e nesse sentido, a percepção não poderia ser resultado direto de estímulos sensitivos que por si só garantiriam sua manifestação enquanto ser descritível por esse evento.

Essa percepção é possível apenas porque o objeto se mostra em meio a uma rede que o envolve tanto quanto envolve o sujeito cognoscente ou que o intenciona, onde as qualidades estão no objeto e não numa sensação produzida por esse objeto no sujeito, ou mesmo, guardadas em sua consciência, e é nessa relação que se apresenta o jogo transfenomenal, negando, portanto, a célebre fórmula “ser é ser percebido”.

Se outrora o Conhecimento era produto de uma determinação formal, estruturado por regras transcendentais, em Sartre, se nosso Conhecimento não for resultado exclusivo de uma transcendência do sujeito em direção ao objeto, donde o fruto dessa relação, na consciência, não se dá como representação, ou resultado direto entre estímulo e sensação, então o caráter de atividade próprio da consciência intencional não faz sentido, ou seja, uma consciência ativa contrapondo-se a ideia de consciência como receptora de conteúdos ou conhecimento de coisas, sem posicionamento, é que parece marcar essa preocupação sartriana.

Esse vezo essencialista daria lugar, portanto, à intencionalidade constitutiva do sujeito que percebe. Para Sartre, “o primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo.”⁶

O problema da percepção e das relações humanas de contingência em Sartre, portanto, encontraria sua fundamentação na ideia de Intencionalidade, ou mesmo, seria a intencionalidade a responsável e a garantia de que perceber os objetos seria encontrá-los junto ao mundo⁷ e não como coisas guardadas na consciência. A percepção só tem sentido por uma transcendência que constitui uma consciência inabitada, ou seja, por uma consciência fundamentalmente determinada por um vazio. Em sendo um nada ou um vazio, ela não poderia ser resultado de conhecimentos diversos, mas puramente ato. “A resposta sartriana é clara: trata-se simplesmente da consciência do ser cognoscente, não enquanto <<conhecido>>, mas enquanto <<é>>. Por outras palavras, trata-se de assinalar que o que interessa examinar não é a consciência de ser, mas o ser da consciência.”⁸

Dizer o que a consciência é, é dizer, ao mesmo tempo, que ela é movimento direcionado ou, para usar o vocabulário sartriano, ela é consciência posicional. Quando o ser da consciência é o referencial, outro fator entra em cena, a saber, uma consciência que tanto conhece os objetos, como conhece a si mesma, eis, portanto, o fundamento dessa transcendência: um saber que percebe-se distinto desse saber.

⁵ Berkeley. Tratado sobre o Conhecimento Humano. Introdução § 1.

⁶ SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. 12ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p.22.

⁷ “Ser é explodir para dentro do mundo, é partir de um nada de mundo e de consciência para subitamente explodir-como-consciência-no-mundo.” SARTRE, Jean-Paul. Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In Situações I. Trad. Cristina Prado. Prefácio de Bento Prado Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.56 e 57.

⁸ REIMÃO, Cassiano. Consciência, dialética e ética em Jean-Paul Sartre. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p.42.

IV

Se as teorias representacionistas dizem que a percepção pode gerar cópias, representações, simulacros ou imagens de uma coisa na consciência, em Sartre a percepção é relação direta com a coisa, ou seja, “a consciência e o mundo são dados de uma só vez” não há uma reação interna produzida por um objeto, uma pessoa ou uma coisa que é exterior, o que há são objetos, pessoas ou coisas que são amáveis, odiáveis, temíveis, branco, preto, alto, baixo, mas que não se reduziriam a essas qualidades visíveis, mas o são simplesmente por um sentido dado pela consciência.

Percepção é uma forma de intencionalidade, ou seja, perceber é estar diante de um conjunto de coisas que nos apresentam o caráter de transfenomenalidade de ser e de consciência, ou seja, perceber não é apenas representar ou reconhecer qualidades sensíveis de um objeto. Ora, se a consciência não é substancializada, ela só pode ser movimento para além de si. Ela é caracterizada por alcançar um objeto que está além do conhecimento que tem dele. É como estar diante de uma fotografia onde Pedro se apresenta com um rosto triste, entretanto, essa fotografia não nos apresenta uma tristeza ou um outro sentimento que porventura esteja oculto nessa expressão, ou mesmo, não nos apresenta o que Pedro é, ou seja, Pedro não poderia ser determinado como ser triste apenas por essas características específicas e pontuais.

A relação que se tem com essa fotografia se diferenciaria ou dependeria de quem empresta sentido a ela. Se nos encontramos em uma situação, por exemplo, onde procuramos um endereço específico, nossa relação com os nomes das ruas nas placas ou com os números impressos nas portas das casas pode ser transformada por uma certa intenção, deixam de apresentar-se como nomes ou números soltos em uma placa ou porta qualquer e passam a obter um signo.

Dito de outro modo, a consciência é a responsável por significar um objeto aparentemente neutro, mas o faz em meio às coisas, em meio ao mundo. Diz Sartre: “na significação, a palavra é apenas uma baliza; apresenta-se, desperta uma significação, e essa significação não volta nunca sobre ela própria, mas avança para a coisa e deixa cair a palavra.”⁹ o que está em questão antes de mais nada é o caráter de exterioridade da consciência.

Não há o que possa habitá-la. O correlato da consciência não pode ser uma representação sensível, não pode ser uma percepção de qualidades atribuídas ao objeto, não pode ser nem mesmo um conteúdo mental. Percepção é, portanto, uma forma de consciência intencional direcionada para os objetos, e esses objetos, por sua vez, encontram-se relacionados a outros objetos e assim por diante. Em outras palavras, uma exterioridade que caracteriza a consciência só faz sentido quando ela se encontra em relação com uma coisa cercada por todos os seus referenciais e não por uma representação ou apreensão particular. O correlato da consciência é, portanto, a intencionalidade e não a percepção ou o conhecimento de objetos singulares, e quando dizemos objeto, queremos dizer tudo o que está fora de nós, inclusive as outras consciências, ou seja, isso vale também para as nossas relações de alteridade onde se estruturam, portanto, nossas escolhas morais/axiológicas.

⁹ SARTRE. Jean-Paulo. O imaginário. Trad. Duda Machado. São Paulo: Editora Ática S. A, 1996, p.40.

Bibliografia

- BARBARAS, Renaud. Sartre: Désir Et liberte. Paris: Press Universitaires de France, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. Na força da idade. Difusão Européia do livro. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: 1961.
- BORNHEIM, Gerd. Sartre. Editora Perspectiva. São Paulo: 1971.
- _____. Metafísica e Existencialismo. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. Metafísica e finitude. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CONTAT, Michel; RYBALKKA, Michel. Les Écrits de Sartre: chronologie, bibliographie commentée. Paris: Gallimard, 1970.
- GARAUDY, Roger. Perspectivas do Homem: existencialismo, pensamento católico, marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- GOLÇALVES, Camila Salles. Desilusão e história na psicanálise de J.P. Sartre. São Paulo: FAPESP/Nova Alexandrina, 1996.6
- HUSSERL, Edmund. A idéia da fenomenologia. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.
- _____. Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Prefácio de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Idéias e Letras, 2002.
- _____. Investigações Lógicas. Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.
- LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós: ensaio sobre a alteridade. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- LIMA, Alceu Amoroso. O existencialismo e outros mitos de nosso tempo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.
- LUKÁCS, Georg. Existencialismo ou Marxismo? São Paulo: Senzala, 1967.
- MOUILLIE, Jean-Marc. Sartre: conscience, ego et psychè. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Crítica da razão na fenomenologia. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- MOUTINHO, Luiz Damon. Existencialismo e Liberdade. São Paulo: Editora Moderna, 1995.
- _____. Psicologia e Fenomenologia. Prefácio Bento Prado Jr. São Paulo: Fapesp/Brasiliense, 1995.
- POULETTE, Claude. Sartre ou les Aventures Du Sujet: Essai sur les paradoxes de l'identité dans l'oeuvre philosophique Du premier Sartre. Paris: L'Harmattan, 2001.
- PRINCE, Gerard Joseph. Métaphysique ET technique dans l'oeuvre romanesque de Sartre. Genève: Librairie Droz, 1968.
- REIMÃO, Cassiano. Consciência, dialética e ética em Jean-Paul Sartre. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. 12ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.
- _____. Cahiers pour une Morale. 1ª Ed. Paris: Gallimard, 1983.
- _____. Esboço para uma teoria das emoções. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 2006.
- _____. La transcendência del ego: esbozo de descripción fenomenológica. Paris: Editorial Sintesis, 1988.
- _____. O Existencialismo é um humanismo, in Coleção Os Pensadores. Trad. e notas de Vergílio Ferreira. São Paulo: Editor- Victor Civita, 1978.
- _____. Os caminhos da Liberdade 1. A idade da razão. Trad. Sérgio Milliet. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. A imaginação, in Coleção Os Pensadores. Trad. de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editor- Victor Civita, 1978.
- _____. A transcendência do Ego. Trad. Pedro Alves. Lisboa: edições Colibri, 1994.
- _____. Crítica de la Razon dialéctica. Trad. Manuel Lamana. 2ª Ed. Bueno Aires: Editorial Losada, S.A, 1970.
- _____. O imaginário. Trad. Duda Machado. São Paulo: Editora Ática S. A, 1996.

- _____. Situações I: Críticas Literárias. Trad. Cristina Prado. Prefácio de Bento Prado Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- _____. Situações V: colonialismo e neocolonialismo. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1968.
- _____. Verdad y existencia. Trad. Alicia Puleo. 1ª Ed. Barcelona: Paidós I. C. E. / U. A. B, 1996.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. In Ética e Literatura em Sartre. São Paulo: Unesp, 2004.
- THODY, Philip. Sartre: uma introdução biográfica. Trad. De Paulo Perdigão e Amena Mayall. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.
- VOLPE, Galvano della, et alli, Moral e Sociedade: atas do convênio promovido pelo Instituto Gramsci. Trad. Nice Rissone, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.